

## **GILBERTO FREYRE: Tentativa de síntese**

José Arthur Rios

É difícil, hoje, imaginar o impacto causado em minha geração pela obra de Gilberto Freyre. O modesto estudante professor de História do Brasil em liceu fluminense encontrou em *Casa-Grande & Senzala* não só uma revolução nos métodos de ler e ensinar história, um discurso novo, mas uma revelação do Brasil, despida dos habituais estilos burgueses decorativos na versão habitual.

A história de Gilberto, também estória, despia-se de ouropéis e badulaques e, numa linguagem saborosa construía suas maiores teorizações, uma imagem nova do Brasil, dos seus começos rurais e patriciais, açucareiros e escravocratas, jesuíticos e portugueses, índios e afros numa grande pajelança.

Aos poucos, o leitor ia percebendo que a aparente ingenuidade, a espontaneidade do traço escondia uma reflexão e uma teoria montada em fundas sociológicas e antropológicas onde entravam Boas e Freud, Giddings e Santayana, Oliveira Lima e Euclides – uma descoberta do Brasil que convidava o leitor à auto-análise, ao mergulho nas suas raízes, ao encontro com camadas de etnias e culturas escondidas, esquecidas debaixo do verniz urbano, tecnológico, da civilização modernosa.

Vinham esses saberes, depois se descobria, de infâncias em engenhos, adolescências em sobrados, banguês e reisados, mitos do sertão – e também de viagens sem conta por França, Oropas e Bahias,

conversas com sábios de vários matizes, universidades de pelo-mundo, convívios eruditos e conversas de beira-rio, nobrezas pernambucanas e papos de cafés. Ia descobrindo, o leitor deslumbrado, as matrizes de tanto saber e por trás disso uma força de juventude, um gosto de gaia ciência, longe de aparatos e academicismos. O homem, o escritor se construía assim de coisas aparentemente insignificantes, em balo de rede ou riso d'água, de molecagens perdidas.

Gilberto viveu a lenta agonia de uma classe a dos senhores de engenho pernambucanos, Melos e Wanderleys, amantes de cavalos e rinhas de galo, um pouco como a gente inglesa descrita por Fielding. Acompanhou seus estertores na moenda das usinas até o último suspiro na revolução de 30. Não sem antes absorver suas derradeiras imagens de elegância e impavidez. A morte dessa classe e o eclipse de seu último representante que foi Estácio Coimbra tornou-o um expatriado, um vaga-mundo, primeiro nos Estados Unidos, precisamente no *Deep South*, não por acaso, como se buscasse uma pátria adotiva naquela terra de *plantations*, canaviais e negros. Viveu o Sul-americano, sua doçura e também seus terrores – a KKK, o racismo, a segregação. Em Baylor, no Texas, fez-se escritor pela mão de um mestre conhecedor e amante da poesia inglesa, primeiro dos muitos encontros nessa vida movimentada.

Daí não parou mais. “Cigano de beca” como mais tarde se alcunhou, mas voltando sempre ao Brasil, a Recife, trazido por uma fidelidade fisiológica, mais que saudade, mais que memória. Começou, então, seu percurso pelas universidades norte-americanas, bebeu do seu saber e respirou a calma de suas bibliotecas, *recollected in tranquility*, conviveu com seus *scholars*, sal da terra. Foi nisso precursor. Outros brasileiros, nas décadas de 1930 e 1940, no sofrido após-guerra, seguiram seus passos. Contaminou-se desse vício extraordinário – do saber pelo saber. Conheceu Boas que foi com Oliveira Lima, a grande influência em sua vida fazendo dele, mais que um anti-racista, um sensitivo às culturas exóticas, dando-lhe o amor do diverso porque diverso, ensinando-lhe a captar as surdinas das culturas recalçadas, dominadas por conquistadores e metropolitas.

No mesmo tempo de revelações, leu Santayna e Mencken, penetrou no cadinho de Nova Iorque, conheceu poetas e escritores, Amy Lowell, Vachel Lindsay – e os ingleses Pound, Yeats, influências novas que ia somando.

Mas sempre o destino o trazia de volta à terra dos sobrados e dos canaviais. Era o país da década de 1930 que parecia sem remédio, povoado de fantasmas de uma República apodrecida onde se acendia o fogo fátuo das ideologias até o melancólico desfecho de 1937, o Ditador charutoso e sorridente, a Polaca, o fim de uma era, o começo de outra – dos áulicos, dos Governadores nomeados, da burocracia complacente. Gilberto viveu a tristeza do Brasil, suspirou desiludido como qualquer vencido da vida.

Em 1922, escrevera, em inglês, *Social Life in Brazil in the Middle of the 19<sup>th</sup> Century*, sua tese de mestrado na Universidade de Columbia, no mesmo ano publicada na prestigiosa *Hispanic Historical Review*, o hispânico do título, indicativo de uma orientação gilbertiana. O hispânico, para ele, era mais que modismo, critério de aferição. De Charles Maurras, por exemplo, cujo tradicionalismo o atraiu em algum momento, escreveu que era “muito francês, muito latino, mas pouco hispânico.” Era o momento da descoberta da Europa, em 1922 e 1923, quando o jovem “cigano universitário” – tinha então vinte e dois anos – viu Paris, Londres, Lisboa. Oxford trouxe-lhe a lembrança de Newman que já lera e que o marcaria com seu anglo-catolicismo. Viveu seus rituais, viu seus *scholars* rodando de bicicleta com as togas esvoaçantes. Foi aí que lançou a si mesmo a pergunta – “Serei sempre um inquieto?” Impregnara-se, desde Nova Iorque de autores ingleses – Yeats, Meredith, Hardy – que, mais tarde, poria nas mãos de José Lins do Rego. Escreveu muito sobre os ingleses. Pretendia escrever mais.

De novo em Paris sentiu, em Chartres, a poderosa atração da Igreja. A catedral “quase me persuade a ser católico-romano. Católico-romano de corpo inteiro e de alma inteira.” Acha-se “meio da Igreja, meio do mundo. Talvez me conserve para sempre meio da Igreja, meio do mundo.” Só muito mais tarde resolveria essa pendência que atravessa sua vida espiritual, numa das raras ocasiões em que a revela ficando, por muito tempo, católico de sensibilidade sem a prática, antijesuítica, mas não anticlerical, muito menos, muito menos anticatólico.

Volta ao Brasil – era nos idos de 1923. Numa escala em Portugal conhece João Lúcio de Azevedo, o amigo e correspondente de Capistrano, Fidelino de Figueiredo, Antônio Sardinha, “um dos santos da devoção de Oliveira Lima” e em quem encontrou ecos do tradicionalismo de Maurras.

Em 1924 acha-se de novo no Recife. Reencontra a cidade em longos passeios com Lins do Rego, reencontra o Capibaribe (“é incompleto o homem a quem falta o rio...”), os bairros, as casas velhas. Nessa busca do tempo perdido descobre Proust e Joyce, que vão marcar sua obra, sobretudo o primeiro.

Visita o Rio, São Paulo pela primeira vez. Começa a ser atacado na sua proposta de regionalismo. Sofre o desapontamento do retorno e da renúncia às coisas do Velho Mundo. Rejeita os desmandos do modernismo e as pretensões mandonistas do Centro-Sul, protesta contra o isolamento a que o Governo central submetia Pernambuco. Pela primeira vez, afirma o primado das regiões sobre uma União abstrata, fruto de cerebrações positivistas. Tudo refletido primeiro em artigos, depois no *Manifesto* de 1926, mais tarde em *Nordeste* (1936) que ele mesmo definiu desde a portada, como “estudo ecológico da região”.

É o momento em que faz sua opção definitiva. Ficaré no Brasil, resistirá ao canto das sereias, à América, à Europa, nos quais fará apenas breves incursões. Casa-se. O intelectual está completo, pronto para a obra definitiva, onde tudo isso se espelha e funde.

Como Secretário do Governador Estácio Coimbra, participa nessa época de graves perturbações políticas em que a Federação se esfacela. Ao mesmo tempo, ministra na Escola Normal de Pernambuco, o primeiro curso de Sociologia, onde inaugura, antes de Pierson, antes da USP, a prática dos trabalhos de campo, matriz de curiosidades e pesquisas que vão atravessar o decênio. Cai Estácio Coimbra no torvelinho da Revolução de Trinta. Gilberto o acompanha no exílio, “com pouco dinheiro, um terno e duas camisas”<sup>(1)</sup>, levando na alma a mágoa de saber, incendiada pelos revoltosos, a casa de seus pais, saqueada sua biblioteca.

De 1931 a 1932, ensina em Stanford, percorre os Estados Unidos, mais uma vez se deslumbra com o Velho Sul, agora com New Orleans e Charleston. É o momento de gestação de *Casa-Grande & Senzala* que escreverá (ou passará a limpo) na volta ao Recife, em 1933, soma de inspirações colhidas em Dacar, Lisboa.

Até então as influências dominantes na sua formação tenham sido Spencer e Oliveira Lima. Pai, o primeiro, da sociologia brasileira, influi Gilberto menos no seu darwinismo social que na importância atribuída ao meio, à alimentação, ao traje – “no que se tornaria meu

ecologismo.” Quanto a Oliveira Lima foi quem o orientou para os estudos do patriarcado rural e da miscigenação no Brasil. Marcou-o como historiador social.<sup>(2)</sup> Mas

...foi o estudo da Antropologia sob – orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça e efeitos de ambiente ou de superioridade cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminação entre os efeitos das relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio.<sup>(3)</sup>

Boas lhe abriu as portas da Antropologia Cultural. O conceito de cultura passou a ser dominante na sua visão do mundo. Ao contrário de Oliveira Vianna, para ele, a raça era secundária. Vianna só encamparia a cultura no seu livro inacabado, *As Instituições Políticas Brasileiras* – que o Marechal Castelo Branco leu e anotou. Seria Oliveira o ideólogo do regime de 64.

Gilberto não foi ideólogo de regime nenhum. Não doutrinou, não pontificou. Concentrou-se em aprimorar, dilatar sua visão do mundo, a ela subordinada suas vastas leituras. Elaborou, assim, uma sociologia apropriadamente chamada existencial e cujos fundamentos foram o dado empírico colhido no cotidiano da história. O cotidiano feito de pequenas coisas – o traje, a comida, a ferramenta, a credence, o hábito – tudo integrado num sistema – a sociedade patriarcal, montada no tripé – latifúndio, monocultura e escravidão, suas raízes rurais definidas no sistema de casa grande e senzala, depois prolongada nas cidades nos sobrados e mucambos. Essa sua poderosa intuição, germe da obra. Ao contrário, a terceira parte do seu tríptico *Ordem e Progresso* é a menos acabada e, ao lê-la, sentimos a frustração de quem olha uma estátua incompleta. Nessa parte, ao contrário das duas primeiras, o dado, a informação – como sempre abundante – domina o analista. Porque lhe faltou a idéia dominante, o esquema conceitual adequado para abranger e integrar uma fase extremamente complexa da vida nacional, onde o patrimonialismo herdado de campo e cidade, adquiria cambiantes mais sutis, mais ideológicas, menos ligadas ao complexo afro-luso. Aí a Antropologia era insuficiente,

ficava na rama dos fatos – ao contrário dos dois primeiros livros onde o antropólogo reinava incontestemente entre mores e quitutes.

Toda a obra tem suas limitações que são as do próprio instrumento de análise usado pelo autor, uma distorção escolhida, uma opção, Gilberto é indiferente à economia, dela usa o *quantum satis*. Toda uma faceta do período colonial e do século XIX lhe escapa: o mercantilismo, a face econômica do nosso patrimonialismo. Por isso mesmo foge às acusações de marxista que lhe fizeram. Não tinha o lastro econômico suficiente para ler, entender, criticar Marx. Contentou-se no seu período americano, em ler Seligman, Beard, marxista *soft*, edulcorados. O culturalismo neokantiano de Boas o preservou dessa doença, epidêmica em tantos dos seus companheiros de geração. A pobreza não o comove tanto como o preconceito racista. Sua sensibilidade reagia à discriminação racial mais que à inércia e à diferença de classes. O mucambo, a favela foram para ele elementos ecológicos na paisagem, acomodações mais que problemas sociais.

Seu culturalismo, para tristeza de muitos, fez com que rejeitasse tanto o historicismo como o materialismo dialético. Sua visão do mundo social brasileiro era demasiado matizada para curvar-se à fôrma ideológica. Como diz muito bem Vamireh Chacon, no seu estudo sobre Gilberto:

... Nem por temperamento, nem por formação, Gilberto Freyre se fixou no Marxismo... A iconoclastia gilbertiana cedo preferiu a metralhadora giratória de H.L. Mencken na linha de Nietzsche, Ibsen, George Bernard Shaw e outros...<sup>(4)</sup>

Outra limitação da obra de Gilberto é sua fixação no modelo do latifúndio canavieiro e escravocrata do Nordeste, cegando-o, ainda que por contraste, para outros sistemas tão ou mais importantes na formação do Brasil. Pouca referência faz ao sistema de pequena propriedade das zonas coloniais brasileiras, a seus problemas específicos e a seus conflitos étnicos e culturais. No entanto, desse sistema, marginalizado pela cultura luso-brasileira, nasceu o Sul do Brasil no que tem de progressivo, próspero, pujante.

O mesmo se poderá dizer da Amazônia, e até do Nordeste pastoril que ensejou um livro admirável de Djacir Menezes, prefaciado pelo próprio Gilberto. Parece que o sociólogo se fechou no seu mundo, tapou os olhos e ouvidos a outras visões. Por isso *Ordem e Progresso*

destoa, não se enquadra na sociedade patriarcal, é um desvio, uma dissonância. Na lira de Gilberto não havia corda para outra nota.

Isso se explica. Gilberto não é apenas o cientista voltado para a descrição de um objeto sociológico. É também um escritor, um artista que se identifica com seu tema, faz corpo com ele. Não foi por acaso que encontrou em Proust uma alma irmã. Não aprendeu com o francês o jogo da memória perdida, nem o brinquedo com o tempo e suas variações. De certa forma refaz em si mesmo, nas suas lembranças, o passado que se esvaneceu, dando-lhe forma definitiva. Bernardo Gersen, em ensaio marcante na bibliografia de *Casa-Grande & Senzala* compara-a a um romance. Não que seja produto de desvairadas ficções, mas porque se alimenta da imaginação de outros tanto quanto dos seus saberes, de um gosto lírico e não apenas científico da lembrança que a seca aplicação do método durkheimiano mataria ao nascer.

Aí está a essência do seu humanismo que se compõe unicamente de uma comunicação, de natureza lírica – e não só científica ou conceitual – com os homens, os bichos, as coisas do mundo da infância e sua história. História e natureza se encontram na memória e revivem proustianamente na obra do sociólogo. Esse mesmo humanismo o impediu de cair nas redes do materialismo dialético, na grosseria de suas fáceis generalizações.

Por isso mesmo, houve quem falasse no seu franciscanismo, no sentimento que perpassa em sua obra de uma natureza transfigurada pela presença do homem. Não vou até dizer que se trate de um nominalismo ockhamiano, ressaltado seu empirismo e o que hauri das próprias fontes da cultura moderna como querem alguns; nem estabelecer uma oposição entre esse franciscanismo e o antijesuitismo de *Casa-Grande & Senzala*, em páginas que mais parecem escritas por um ardoroso protestante.

A simpatia pelos franciscanos salva *Casa-Grande & Senzala* de ser obra anticatólica, por menos que ali houvesse neocalvinismo capitalista e sim porque tenderia a entrar numa linha de Bartolomé de las Casas limitando-se a denunciar a escravidão e o extermínio dos povos submetidos na América Espanhola. <sup>(5)</sup>

O franciscanismo de Gilberto estaria na ternura devota com

que se debruça sobre homens, bichos e árvores do Nordeste, na sua infinita compreensão mais que científica dos conflitos humanos, no seu afã de resgatar, mais que acentuar, as desigualdades da sociedade patriarcal – em tudo, enfim, que lhe fizeram reprovar os partidários intransigentes da luta de classes em que lhe valeram a qualificação de conservador.

A morenidade é uma teoria de conciliação, não de conflito de raças – contra o branqueamento e a negritude, brandidos por muitos como resultado final e desejável da miscigenação, desfecho, para alguns, de uma luta de raças que não deixa de ser uma forma de racismo e um mal disfarçado substituto à luta de classes. A democracia racial pela qual sempre se bateu é uma ideologia de raiz franciscana.

Como o foi seu repúdio ao integrismo católico representado, na década de 1930, por Alceu Amoroso Lima, muito antes de sua guinada para a Esquerda e por Dom Helder Câmara, antes de sua virada para o populismo. Ambos combateram Gilberto, numa fase de radicalismo e incompreensões.

Católico de sentimentos, sempre foi. A um amigo que pensava ingressar na Ordem Beneditina na década de 1940 aconselhou: “Entre no Mosteiro; não existe destino mais bonito para uma vida!”<sup>(6)</sup> Jamais escreveu contra a Igreja. Seu nominalismo nunca abrolhou em ceticismo, muito menos em ateísmo. Em certa época chegou a transitar pelos místicos espanhóis. Orava. Comungou três meses antes de expirar a 18 de julho de 1987, aniversário de sua mulher, Madalena, que muito trabalhara para sua conversão. Morreu assistido pelo beneditino Dom Penido, na fé católica.<sup>(7)</sup>

Sobre seu túmulo continua a polêmica suscitada por sua obra, entre racistas e culturalistas, esquerdas esquerdizantes contra direitas e reacionários. Prova que, aos cem anos, continua vivo, entre nós, em livros e pensamentos, em obra e figura.

## Notas:

(1) Ap.VILA NOVA, Sebastião. “Cultura e Sociedade em Gilberto Freyre” In: ANDRADE, Manuel Correia de. (org.) – *Gilberto Freyre Pensamento e Ação*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1995, p.207.

(2) VILA NOVA. op. cit., p.20-22.



- (3) CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre, uma biografia intelectual*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1993, p.123.
- (4) CHACON, op. cit., p.100.
- (5) CHACON, p.217.
- (6) Carta de Edson Nery da Fonseca ao autor em 28.01.1998.
- (7) CHACON, p.306.

